

«Fradiquices» Brasileiras

E l z a M i n é

PARA ALÉM DE SER O ANO DA PUBLICAÇÃO DE *Os Maias*, 1888 é também o ano em que Fradique Mendes, não aquele antes criado coletivamente na Travessa do Guarda-mor, mas um novo, agora sob inteira responsabilidade de Eça de Queirós, faz sua aparição na imprensa de Portugal e do Brasil. Com pequeníssimas diferenças de data, *O Repórter*, de Lisboa, então dirigido por Oliveira Martins, e a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro revelaram-no, assim, simultaneamente, aos públicos dos dois lados do Atlântico.

Manuel Bandeira já se encarregou de transcrever a nota da redacção da *Gazeta de Notícias*, publicada no dia 25 de agosto de 1888: «Eça de Queirós. O correio causou-nos ontem a mais agradável das surpresas, trazendo-nos um manuscrito deste nosso ilustre colaborador, de cuja assiduidade temos sérias razões de queixa. Sem aviso prévio, sem dizer água vai! remete-nos Eça oito folhetins, que constituem a primeira série da Correspondência de Fradique Mendes, um tipo muito interessante, que foi amigo do autor, e lhe confiou umas cartas em que fotografa, além da própria pessoa, muita gente e muita cousa»¹.

Efectivamente, no dia seguinte (26 de Agosto), e até 31 do mesmo mês e nos dias 1, 2, 3, 4, 7, 8 e 9 de Setembro, aquele jornal brasileiro publica: «Notas e recordações I – IV» (que depois, com alterações, serão as «Memórias e Notas») e as três primeiras cartas que hoje integram o volume *Correspondência de Fradique Mendes*².

Em carta ao amigo Oliveira Martins de 23 de Maio de 1888, Eça se refere ao plano de publicar o que baptiza de «Fradiquices» simultaneamente no *Repórter* e na *Gazeta*: «Há porém um outro ponto que enceto já – ainda que não sei se tu és a pessoa competente para o resolver. Jaime Séguier, quando me convidou para escrever no *Repórter*, pretextou a

Texto apresentado no Colóquio «Eça entre milénios: pontos de olhar», realizado em Havana, Cuba, organizado pelo Instituto Camões, de Lisboa, nos dias 6, 7 e 8 de Fevereiro de 2000.

pobreza de jornal que começa, e ofereceu-me duas libras por artigo de duas colunas. Eu tenho escrito artigos de cinco colunas – mas isso é só culpa da minha loquacidade. Ora, querido Joaquim Pedro, por duas libras não vale a pena estar a manufacturar imensas talhadas de prosa. Elas dão-me um grande trabalho – e nos jornais do Brasil produzir-me-iam o dobro. Por outro lado, eu não quero fazer exigências judaicas a um jornal que luta pela vida – e que há-de lutar, mesmo que passe às mãos dinheiras de O'Neill. Como combinar tudo, portanto, interesse e sentimento? Ocorre-me um meio fácil e fazível: é publicar estas Fradiques simultaneamente no Repórter e na Gazeta de Notícias, comendo assim a duas prosas. Nem Gazeta nem Repórter perdem nada com isso. Eu combino as remessas, de sorte que cada artigo saia no mesmo dia, ou pouco mais ou menos, em Lisboa e no Rio de Janeiro. E como quinze dias de mar separam providencialmente essas duas colmeias de Lusitanos, segue-se isto: – que, quando a Gazeta chegue a Lisboa com artigo meu, já esse artigo tem aparecido no Repórter há quinze dias, que é como se disséssemos há quinze anos; e quando o Repórter chegue ao Rio de Janeiro com artigo meu, já esse artigo tem aparecido na Gazeta há quinze dias, que é como se disséssemos há quinze séculos – porque lá é tudo em ponto maior! Ora nota, além disto, que nem a Gazeta tem um único assinante em Lisboa – nem creio que o Repórter tenha mais de dois no Brasil. De sorte que os dois jornais têm o que precisam ter – que é, em certo dia, o seu artigo novo: e eu tenho os duplos proventos. Esta ideia é inglesa: isto é, os escritores ingleses fazem nos Magazines e Revistas estes cambalachos de prosa, entre a Inglaterra e a América. E é considerado um meio muito prático. – Diz, portanto, e já, se esta combinação convém ao Repórter. Sei que ele vai passar ao

grupo O'Neill. Em todo o caso, e sobretudo nesse caso, se tu não és a pessoa competente para resolver isto – é-o para apresentar a ideia ou proposta a quem for competente»³.

É interessante notar que com um texto anterior, «A Europa», hoje recolhido em *Notas Contemporâneas*, Eça de Queirós já antecipava esse procedimento proposto na carta antes citada, uma vez que «A Europa» publicase em Lisboa em 20 de março e, no Brasil, a 2 de abril de 1888. Como, por essa época, Eça vivia em Inglaterra, pode-se perfeitamente supor que os dois textos, com as respectivas adaptações aos diferentes destinatários – os públicos português e brasileiro –, tenham sido encaminhados aproximadamente na mesma data⁴.

Mas, quanto a Fradique, em 10 de junho de 1885, portanto três anos antes, em carta ao mesmo Oliveira Martins, que então estava no jornal *A Província*, do Porto, Eça expusera a ideia de publicar uma série de cartas «sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escritas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava Fradique Mendes! Não te lembras dele? Pergunta ao Antero. Ele conheceu-o. Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, diletante e voluptuoso, este gentleman, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e tratei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, tive a ideia de recolher a sua correspondência [...] com toda a sorte de gentes várias». E Eça cita poetas, homens de Estado, filantropos, elegantes, amantes, alfaiates e «personalidades que não são nada disso»⁵.

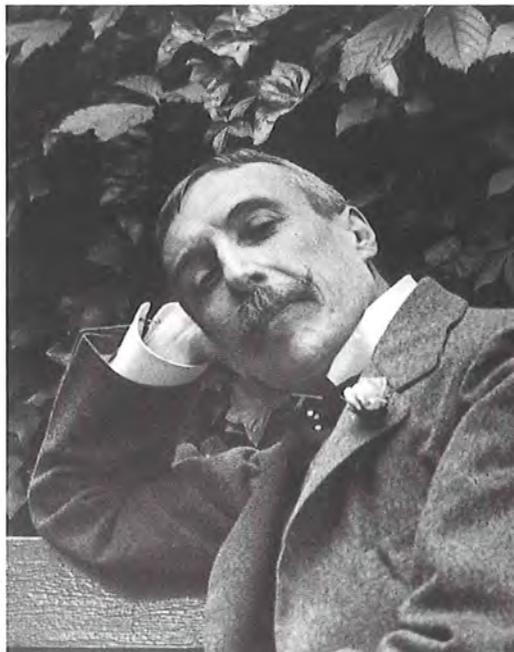
«Desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão», repetimos, seriam, pois, os assuntos versados nas cartas. Tal pluralidade de assuntos ver-se-ia distribuída por diferen-

tes destinatários. E, na verdade, como mostrou Maria João Simões, «cada uma das cartas de Fradique constrói um campo interno de referência com uma autonomia e uma coerência próprias, para o estabelecimento do qual o destinatário desempenha uma função específica – a de determinar o campo temático a abordar»⁶.

Esta diversidade de destinatários cumpre o papel de canalizar a intenção de Fradique «de exprimir as suas opiniões e as análises das mais diversas situações»⁷. Curiosamente, Eça passou pela dúvida de optar por vários destinatários, ou instituir um único, como se lê no *post-scriptum* de carta a Oliveira Martins de 12 de junho de 1888: «Diz-me se achas que Fradique escreva a nomes próprios e deles fale (como Oliveira Martins), ou que escreva só para o seu grande amigo Vaz Mont'Arroio, autor do Portugal moderno»⁸.

Ainda no âmbito dessas considerações introdutórias, e para concluí-las, cumpre lembrar que, embora em 1894 estivessem já impressas 177 páginas do volume *Correspondência de Fradique Mendes*, Eça vai pedindo sucessivos adiamentos aos editores e acaba por morrer, sem fazer a supervisão final do que com tal título se publica em volume, logo a seguir ao seu falecimento.

Feitas estas observações, temos em vista, nos limites de que dispomos, chamar a atenção para quatro das cartas de Fradique Mendes. Trata-se das «Cartas XII e XIV, a Mme. de Jouarre», da «Carta a Bento de S.» e da «Carta a Manuel», esta última publicada apenas em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*. Estas quatro «fradiquices» têm em comum o facto de terem constituído, antes, textos de imprensa independentes, enviados por Eça de Queirós para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Trata-se, respectivamente, de dois textos de 1892, um, publicado no «Suplemento Literário» da *Gazeta*, de que Eça é o



Eça em Neuilly.

responsável, «Padre Salgueiro» (13 de junho), e outro, «Quinta de Frades» (27 de julho); trata-se, ainda, de dois outros de 1894: «Tema para Versos I», publicado a 2 de abril desse ano, que virá a constituir a «Carta a Manuel»⁹ e da «Carta a Bento de S.», cuja primeira versão se encontra em matéria enviada por Eça em abril de 1894 (dia 26), a que Luís de Magalhães deu o subtítulo de «O Sr. Brunetière e a imprensa», em *Ecos de Paris*¹⁰.

Nosso objectivo é aventar possíveis motivos de tais escolhas, dentre os cinquenta e oito textos completos, publicados em cento e dezasseis números da *Gazeta de Notícias*, bem como, mediante o cotejo desses textos de imprensa mencionados, com as cartas que deles decorrem, observar as transformações por eles sofridas ao adquirirem o estatuto epistolográfico.

Tenha-se em conta, em primeiro lugar, que no ano de 1892 publica-se o último

número da *Revista de Portugal*, que de fevereiro a junho Eça leva avante o projecto do «Suplemento Literário» da *Gazeta de Notícias*¹¹ e que, em outubro, esse mesmo jornal brasileiro publica o conto «Civilização» (com o qual «Quinta de frades» dialoga) e também «Cartas de amor: A Clara, I a IV».

Em 1893, os artigos enviados para o Brasil têm, durante todo o primeiro semestre desse ano, um cunho marcadamente ensaístico, descompromissados de uma ancoragem directa na realidade circundante, espacial e temporalmente. É esse o tempo de publicação de textos como «Tema para versos I e II», «Cozinha Arqueológica», «As rosas», «Positivismo e idealismo». São também desse ano: «Frei Genebro» e «O tesouro», também publicados pela *Gazeta*.

Por isso mesmo, nada mais natural que para a elaboração de cartas de Fradique ocorresse a Eça visitar textos de imprensa que, pelos temas e modo com que se encontravam tratados, se caracterizassem, enquanto forma discursiva, pela predominância do comentário, relativamente ao relato. E que a selecção, com vistas a um «reaproveitamento», ou transmutação criadora – talvez até mesmo motivado pela constante pressão dos editores para que concluísse a *Correspondência*... –, incidisse sobre aqueles que pudessem mais facilmente funcionar, de acordo com o projecto geral da obra, como manifestações de opinião de Fradique: sobre o clero, sobre a vida numa quinta do Minho, sobre o jornalismo, sobre a poesia.

Selecionei como exemplo, uns poucos trechos da carta a Mme. de Jouarre (Carta XII) e da crónica que lhes é correspondente nas páginas da *Gazeta de Notícias* e a que recorreremos para encaminhamento de nossos comentários [ver tabelas na páginas seguintes].

Chamaria antes a atenção para algumas observações de carácter geral:

1. Para constituir em carta o que antes fora texto de imprensa, Eça vai actuar sobre estes (que chamaremos textos A) de forma a que deles resultem os textos B, vale dizer, as cartas, mediante intervenções autorais de vária ordem. A consideração dos lugares de variação, ou seja, dos pontos em que ocorrem modificações, nos permite tentar entender e explicar o papel de tais modificações nesse processo de transmutação.

2. Todas as intervenções que apreendemos decorrem, evidentemente, de um processo de releitura: há um texto completo, previamente escrito e considerado terminado, de cuja releitura se segue um reaproveitamento a que corresponde um novo texto.

3. Destas operações, exceptuada a parte introdutória criada para a «Carta a Manuel» de *Cartas inéditas de Fradique Mendes*, de que nos ficaram as 7 fls. manuscritas no espólio de Eça, na Biblioteca Nacional de Lisboa, nada nos resta senão os textos impressos na *Gazeta* e as cartas postumamente publicadas na *Correspondência de Fradique Mendes* e nas *Cartas inéditas de Fradique Mendes*.

4. Nesses quatro casos de «transmutações» pode-se observar: em primeiro lugar, a criação de um ou mais períodos iniciais e introdutórios para que um destinatário se veja instituído e a comunicação concretamente se contextualize. Simetricamente a esse início, cria-se um fecho, nos moldes de qualquer produção epistolográfica. O corpo da carta corresponde ao texto «importado» do jornal, com as respectivas modificações. A título de curiosidade lembro que na carta ao «sobrinho Manuel», a forma de despedida da praxe, para pessoas cujo tratamento era íntimo – «Teu do coração» (muito em voga na época) –, aparece remotivada: «Tio do cora-

Texto A

Gazeta de Notícias [13 de junho de 1892]
Padre Salgueiro

De todos os padres que eu conheço (contava uma tarde, sentado num banco do seu pomar, entre as macieiras em flor, o homem que conhece tipos), o mais interessante psicologicamente instructivo é sem dúvida o padre Salgueiro. Exteriormente, padre Salgueiro apresenta, com perfeição, o genuíno contorno do padre português.

Não falei da sua inteligência. É clara e metódica – como verifiquei, assistindo a um sermão que ele pregou pela festa de S. Libório. Por esse sermão, encomendado, recebia padre Salgueiro 20\$000 – e deu, por esse preço, um sermão excelente, succulento, encerrando tudo o que convinha à glorificação de S. Libório. Estabeleceu a filiação do Santo, desenrolou todos os seus milagres (que são poucos) com exatidão, dando as datas, citando as autoridades; enumerou as igrejas que lhe são consagradas, com as épocas de fundação. Introduziu com destreza louvores ao Ministro dos Negócios Eclesiásticos. Não esqueceu a família real, a quem rendeu preito constitucional.

Texto B

Correspondência de Fradique Mendes
Carta XIV – A Mme. de Jouarre

Lisboa, Junho

Minha querida madrinha.

Naquela casa de hóspedes da travessa da Palha, onde vive, atrelado à lavra angustiosa da Verdade, meu primo o Metafísico, conheci, logo depois de voltar de Refaldes, um padre, o padre Salgueiro, que talvez a minha madrinha, com essa sua maliciosa paciência de colecionar tipos, ache interessante e psicologicamente divertido.

O meu distraído e pálido metafísico afirma, encolhendo os ombros, que padre Salgueiro não se destaca por nenhuma saliência de corpo ou alma entre os vagos padres da sua diocese; – e que resume mesmo, com uma fidelidade de índice, o pensar, e o sentir, e o viver, e o parecer da classe eclesiástica em Portugal. Com efeito, por fora, na casca, padre Salgueiro é o costumado e corrente padre português, gerado na gleba, desbravado e afinado depois pelo seminário, pela frequência das autoridades e das secretarias, por ligações de confissão e missa com fidalgas que têm capela, e sobretudo por longas residências em Lisboa, nestas casas de hóspedes da Baixa, infestadas de literatura e política.

Não falei da sua inteligência. É prática e metódica – como verifiquei, assistindo a um sermão que ele pregou na festa de S. Venâncio. Por esse sermão, encomendado, recebia padre Salgueiro 20\$000 – e deu, por esse preço, um sermão succulento, documentado, encerrando tudo o que convinha à glorificação de S. Venâncio. Estabeleceu a filiação do Santo; desenrolou todos os seus milagres (que são poucos) com exatidão, exarando as datas, citando as autoridades; narrou com rigor hagiológico o seu martírio; enumerou as igrejas que lhe são consagradas, com as épocas de fundação. Enxertou destramente louvores ao Ministro dos Negócios Eclesiásticos. Não esqueceu a Família Real, a quem rendeu preito constitucional.

Texto A

E só na peroração, só então, lançou, com rapidez, o lampejo obrigatório de eloquência seráfica:

«Flor entre os **espinhos** dos seus contemporâneos, Libório derramou sempre o suavíssimo cheiro do bom exemplo: e preclaro funcionário evangélico, cuidou ricamente da vinha que o Senhor lhe entregara, não descuidando ao mesmo tempo de **administrar**, com mão zelosa, a seara ubérrima dos santos sacramentos.»

Foi, em suma, um excelente relatório sobre S. **Libório**.

Felicitei nessa noite, com fervor, o reverendo padre Salgueiro. Ele murmurou, modesto e simples:

– S. **Libório** infelizmente não se presta! Nunca exerceu cargo público!... Em todo o caso, creio que cumpri.

Ouçõ que vai ser nomeado cônego. Larguissimamente o merece. Jesus, **que está nos céus**, não **tem na terra** melhor **funcionário**. E nunca realmente compreendi por que razão outro amigo meu, um frade do Varatojo, que, pelo êxtase da sua fé **translúcida**, **pela vastidão** da sua caridade, **pelo** seu devorador cuidado na **remissão** das almas, me faz lembrar o velho **e tocante** S. Juan de Dios, chama sempre a este sacerdote tão **proficiente**, **tão respeitável**, **tão zeloso** – «o horrendo padre Salgueiro!»

Texto B

Foi, em suma, um excelente relatório sobre S. **Venâncio**.

Felicitei nessa noite, com fervor, o reverendo padre Salgueiro. Ele murmurou, modesto e simples: **1b**

– S. **Venâncio** infelizmente não se presta! **Não foi bispo**, nunca exerceu cargo público!... Em todo o caso, creio que cumpri.

Ouçõ que vai ser nomeado cônego. Larguissimamente o merece. Jesus **não possui** melhor **amanuense**. E nunca realmente compreendi por que razão outro amigo meu, um frade do Varatojo, que, pelo êxtase da sua fé, **a profusão** da sua caridade, o seu devorador cuidado na **pacificação** das almas, me faz lembrar os velhos **homens evangélicos**, chama sempre a este sacerdote tão **zeloso**, **tão pontual**, **tão proficiente**, **tão respeitável**, – «o horrendo padre Salgueiro!»

Ora veja, **minha madrinha!** Mais de trinta ou **1c**
Quarenta mil anos são necessários para que uma montanha se desfaça e se abata até ao tamanhinho dum **outeiro** que um cabrito galga brincando. E menos de dois mil anos bastaram para que o cristianismo baixasse dos grandes padres das Sete Igrejas da Ásia até ao divertido padre Salgueiro, que não é de sete Igrejas, nem mesmo duma, mas somente, e muito devotamente, da Secretaria dos Negócios Eclesiásticos. Este baque provaria a fragilidade do Divino – se **não** fosse que realmente o Divino abrange as religiões e as montanhas, a Ásia, o padre Salgueiro, os cabritinhos folgando, tudo o que se desfaz e tudo o que se refaz, e até este seu afilhado, que é todavia humaníssimo. – FRADIQUE

ção»; em segundo lugar, observa-se que a macro-estrutura das crónicas se mantém inalterada, registrando-se na «transposição», com maior ou menor intensidade e frequência, conforme a carta, as intervenções funcionais correntes: substituições, supressões, acréscimos, deslocamentos.

5. O resgate dos textos «Padre Salgueiro» e «Quinta de frades» que a preparação da edição crítica dos textos de imprensa enviados por Eça de Queirós para a *Gazeta de Notícias* do Rio nos ensinou (antes não haviam sido recolhidos em volume nessa sua forma de crónicas), sugeriu-nos esta incursão de hoje, na esteira de outra, relativa à «Carta a Bento de S.», que há tempo realizamos¹².

Apoiamo-nos, para o presente percurso, entre outros, no trabalho pioneiro de Luís Fagundes Duarte sobre a correcção estilística de Eça na *Tragédia da rua das Flores* e em que, através do «estudo da quantidade, da qualidade e das características gerais das correcções» pôde, segundo ele mesmo afirma, «detectar e de certo modo compreender os hábitos enunciativos do escritor; bem como a existência de linhas de força determinantes na construção do texto» que, no caso, chamou de a «*gênese de um romance adiado*»¹³. Pudemos constatar a reiteração de procedimentos por ele já apontados, concretizando-se, no caso presente, em situação de produção textual pragmaticamente diversa. Tratava-se, agora, de observar os movimentos realizados para que se operasse uma mudança de estatuto textual, transformando-se em outro, um texto já dado como acabado. Além do emprego das estratégias discursivas necessárias para que a crónica se visse reconhecida como carta, sempre estão presentes as alterações comandadas pela preocupação estilística, já devidamente assinaladas e analisadas por Fagundes Duarte, o que

nos autoriza a considerar mesmo «compulsiva» esta preocupação queirosiana.

A título de exemplo, nos limites deste texto, algumas observações com relação à caracterização de Padre Salgueiro. No texto B, *ele resume, com uma fidelidade de índice, o pensar; e o sentir; e o viver e o parecer da classe eclesiástica em Portugal*, correspondendo, portanto a um tipo. Daí genuíno (texto A) ver-se explicitado em *costumado e corrente padre português* (texto B), tipo esse que se vê seguida e ironicamente rotulado de *pitresco, superiormente pitresco, divertido*.

No decorrer do texto da carta, assim como no da crónica, vai ser apresentada sua maneira de conceber o sacerdócio como um função terminantemente civil – é um funcionário da *Secretaria da Justiça dos Negócios Eclesiásticos*, que administra os sacramentos como cerimónias meramente civis. Tipo, ainda, de *deliciosa* ignorância: é tão alheio à doutrina de Jesus como à filosofia de Hegel e que tem sua *conduta* orientada pelo *decoro* e pelos *regulamentos* (com relação à mulher, por exemplo, era rigidamente casto porque o regulamento assim o determinava).

Já o frade do Varatojo, que considerava Padre Salgueiro *horrendo*, definido por contraste, apresenta todas as características que estão ausentes no primeiro: o *êxtase da fé*, a *profusão da caridade*, o *devorador cuidado na pacificação das almas*.

Não obstante o fecho algo filosofante, trata-se, mesmo, de traçar o perfil do *tipo costumado e corrente* do padre português.

Observando-se, agora, os lugares de variação registados na mudança da crónica em carta, verificamos que as intervenções correspondem, prioritariamente:

– a movimentos de expansão através de duas formas de acrescentamentos (a seguir focalizadas);



Oliveira Martins.

– a movimentos de ajuste e refinamento através de: a) substituições: estilísticas ou de alteração do próprio conteúdo (as substituições geram acréscimos e supressões); b) supressões: de termos, de frases (estas ligadas a substituições anteriormente registadas).

Através de breves exemplos de Padre Salgueiro/Carta XIV, vamos começar pelo exame dos acrescentamentos que estão marcados na margem com as indicações «1», «1a», «1b» e «1c».

Começando pelas marcadas «1a», lemos, no texto B: «*narrou com rigor hagiológico o seu martírio*», que não consta do texto A. Este acrescentamento corresponde a uma informação nova que se justifica pela substituição de S. Libório, por S. Venâncio, o que nos obriga a trazer um esclarecimento: S. Libório que, segundo o *Flos Sanctorum*, tem imagens devotas nas igrejas do Espírito Santo e de S. Roque, em Lisboa, nasceu na França no início do século IV, tendo sido bispo e excelente administrador de sua diocese, que governou por quarenta e nove anos. Faleceu a 23 de Julho de 400, dia que passou a ser seu. S. Martinho administrou-lhe os últimos sacramentos.

Ora, S. Libório vê-se substituído por S. Venâncio que, no *Dicionário de milagres*¹⁴ consta na parte «*anjos enviados a consolar*», onde se lê: S. Venâncio (AD250) «*tendo repellido Antíoco por adorar falsos deuses, foi por ele entregue aos soldados do governador; aos quais passou a ordem de o fazer sofrer todos os tormentos conhecidos*». Segue-se a narração de todos os suplícios a que foi submetido, mas aos quais vai sempre sobrevivendo.

Esta mudança de santo explica, portanto, o acrescentamento «1b» e também a supressão assinalada com «2» – quem foi bispo foi S. Libório, que estava sendo substituído.

O acrescentamento «1c» é constituído pelo fecho da carta, correspondendo a ampliação pragmática exigida pelo novo estatuto epistolográfico, portadora de novas informações e que, no caso, funcionam como uma conclusão dos pontos examinados no texto.

Falta-nos examinar o acrescentamento de 2 parágrafos que constituem a abertura da carta, assinalado na margem com a indicação 1.

Trata-se de um movimento de expansão na função pragmática de instituição de um destinatário e abertura da comunicação. No entanto, vemos que diversamente do fecho da carta, aqui se encontram ressonâncias semânticas do parágrafo inicial da crónica, em que significantes se deslocam e dançam, aparecendo em novas combinações. Ao mesmo tempo, todo um conjunto de períodos vem trazer novas informações num movimento claro de expansão em sentido pleno.

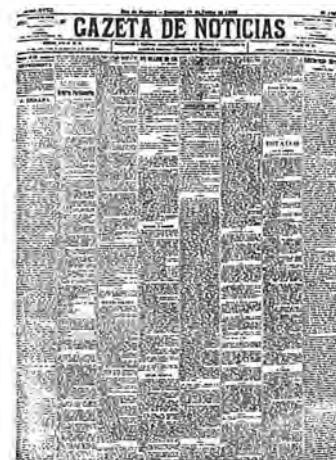
Quanto às substituições de cunho estilístico, elas são facilmente reconhecíveis no exemplo trazido.

Desejo ainda mencionar que o título «'Fradiquices' brasileiras» deve-se não apenas ao facto de os textos abordados terem sido primeiramente oferecidos aos brasileiros «gulosos» (que é como a própria *Gazeta* se referia aos leitores de Eça), mas também, e sobretudo, porque quatro dessas «fradiquices» nasceram directamente de textos de imprensa enviados pelo autor para o Brasil e que, por ele retomados e transformados, num processo de transmutação autoral, consagraram-se como cartas de Fradique Mendes.

E agora, para os leitores todos de língua portuguesa, igualmente «gulosos» de Eça, transcrevemos, a seguir, integralmente a Carta XII, a Mme. de Jouarre, com a crónica da *Gazeta de Notícias*, até então inédita, para novos cotejos e novos comentários.

- ¹ M. Bandeira, «Notas manuscritas e inéditas de Manuel Bandeira à Correspondência de Eça de Queirós para a Imprensa Brasileira», in *Recordações de Manuel Bandeira nos «Arquivos Implacáveis de João Condé»*, pp. 89-90.
- ² O *Repórter* publicará apenas o material relativo à «biografia» de Fradique nos dias: ? ago.; 30 ago.; 6, 13 e 20 set.; 4 out.
- ³ Eça de Queirós, *Correspondência* (Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho), Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 1, pp. 474-6.
- ⁴ A título de exemplo dessas adaptações, citamos apenas a primeira delas: «[A EUROPA] *Nestes últimos anos, aqueles que se distinguem por conhecer as coisas das nações, como dizia o velho escriba egípcio do tempo de Thutmés III, começam a inquietar-se, a levantar o gesto de Cassandra e a gritar sombriamente: 'A situação da Europa é medonha! Sob as crises que sacodem toda a máquina se desconjunta. Nada pode sustentar o incomparável desastre! Este fim de século é um fim de mundo!'*» (in *O Repórter*); «[A EUROPA] *Não sei o que se passa nessa viçosa América. Mas aqui neste ressequido continente, há já mais de dois anos, aqueles que se distinguem por conhecer as coisas das nações, como dizia o velho escriba egípcio do tempo de Thutmés III, começam a inquietar-se e a gritar sombriamente: 'A situação da Europa é medonha. Sob as crises que a sacodem, já a máquina se desconjunta. Nada pode sustentar o incomparável desastre. Este fim de século é um fim de mundo!'*» (in *Gazeta de Notícias*).

- ⁵ *Correspondência*, v. 1, p. 263.
- ⁶ «Assim, a Eduardo Prado, brasileiro, Fradique vai falar sobre história política; a Ramalho Ortigão, crítico literário e social, Fradique conta um caso-tipo da sociedade contemporânea, etc.». A autora chama também nossa atenção para o facto de que «no caso de Mme. de Jouarre, o cronótopo do destinatador é que determina o tema». Maria João Simões, «Eça e Fradique; as cartas e os seus temas», *Queirosiana*, v.2, pp. 23-4.
- ⁷ Maria João Simões, *op. cit.*, p. 24.
- ⁸ *Correspondência*, v.1, p. 480.
- ⁹ «Tema para versos II» corresponde ao texto publicado no volume *Contos*, organizado por Luís de Magalhães, com o título «A aia».
- ¹⁰ Ver Elza Miné, «Eça de Queirós e a imprensa brasileira», *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* (São Paulo), 53, 237p., jan./dez.1995, pp. 173-84; *Idem*, *Convergência Lusíada*, *Revista do Real Gabinete Português de Leitura*, Rio, n.13, 1996, 230p., pp. 78-89.
- ¹¹ Ver Elza Miné, «O Suplemento Literário da *Gazeta de Notícias*: um projecto de Eça para o Brasil», *Vária escrita* (Sintra), n.4, 1997, pp. 301-11.
- ¹² Ver Elza Miné, *Eça de Queirós e a imprensa brasileira*, cit.
- ¹³ Luís Fagundes Duarte, «A génese de um romance adiado». *A fábrica dos textos*. Lisboa, Cosmos, p. 14.
- ¹⁴ Eça de Queirós, *Dicionário de milagres e outros escritos dispersos*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1980, pp. 125-8.



Gazeta de Notícias, periódico brasileiro onde Eça colabora desde 1880.

Texto A

[27 de julho de 1892]
Gazeta de Notícias
Quinta de Frades

Estamos aqui nas terras da Maia – e esta quinta foi de frades.

Texto B

Correspondência de Fradique Mendes

Carta XII – A Mme. de Jouarre

Quinta de Refaldes (Minho)

Minha querida madrinha. – Estou vivendo pinguentemente em terras eclesiásticas, porque esta quinta foi de frades. Agora pertence a um amigo meu, que é, como Virgílio, poeta e lavrador, e canta piedosamente as origens heróicas de Portugal enquanto amanha os seus campos e engorda os seus gados. Rijo, viçoso, requeimado dos sóis, tem oito filhos, com que vai povoando estas celas monásticas forradas de cretones claros. E eu justamente voltei de Lisboa a estes milheirais do Norte para ser padrinho do derradeiro, um famoso senhor de três palmos, cor de tijolo, todo roscas e regueifas, com uma careca de melão, os olhi-

A casa conventual onde os Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, os ricos e gordos Crúzios, vinham preguiçar no verão é a continuação de uma igreja de freguesia, lisa e sem arte com um adro melancólico, como são os do Minho, assombreado por grossos castanheiros.

Uma cruz de pedra encima o portão, onde pende ainda da sua corrente de ferro a velha e lenta sineta fradesca. No meio do pátio, a fonte de boa água, que canta docemente, caindo de concha em concha, tem no topo outra cruz de pedra, que o musgo amarela. Mais longe, no vasto tanque quadrado, lago caseiro orlado de bancos de pedra, onde de certo os bons Crúzios se vinham embeber de frescura, a água das regas, límpida e farta, brota dos pés de uma santa de pedra, hirta no seu nicho, e que é talvez Santa Rita. Adiante ainda, na horta, outra santa franzina, sustentando nas mãos um vaso partido, preside, como uma náiaide, ao borbulhar de outra fonte, que por quelhas de granito vai luzindo e vai fugindo através do feijoal. Nos esteios de pedra que sustentam a vinha, há por vezes uma cruz gravada, ou um coração sagrado, ou o monograma airoso de Jesus.

nhos luzindo entre rugas como vidrilhos, e o ar profundamente céptico e velho. No sábado, dia de S. Bernardo, sob um azul que S. Bernardo tornara especialmente vistoso e macio, ao repicar dos sinos claros, entre aromas de roseira e jasmineiro, lá o conduzimos, todo enfeitado de laçarotes e rendas, à Pia, onde o Padre Teotónio inteiramente o lavou da fétida crosta do pecado original, que desde a bolinha dos calcanhares até à moleirinha o cobria todo, pobre senhor de três palmos que ainda não vivera da alma, e já perdera a alma... E desde então, como se Refaldes fosse a ilha dos Latofágios, e eu tivesse comido em vez da couve-flor da horta a flor do Lótus, por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura destes ares, destes prados, de toda esta rural serenidade que me afaga e me adormece.

O casarão conventual que habitamos, e onde os Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, os ricos e nédios Crúzios, vinham preguiçar no verão é a continuação de uma igreja de freguesia, lisa e sem arte com um adro melancólico, como são os do Minho, assombreado por grossos castanheiros.

Uma cruz de pedra encima o portão, onde pende ainda da sua corrente de ferro a velha e lenta sineta fradesca. No meio do pátio, a fonte de boa água, que canta docemente, caindo de concha em concha, tem no topo outra cruz de pedra, que o musgo amarela. Mais longe, no vasto tanque quadrado, lago caseiro orlado de bancos de pedra, onde de certo os bons Crúzios se vinham embeber de frescura, a água das regas, límpida e farta, brota dos pés de uma santa de pedra, hirta no seu nicho, e que é talvez Santa Rita. Adiante ainda, na horta, outra santa franzina, sustentando nas mãos um vaso partido, preside, como uma náiaide, ao borbulhar de outra fonte, que por quelhas de granito vai luzindo e fugindo através do feijoal. Nos esteios de pedra que sustentam a vinha, há por vezes uma cruz gravada, ou um coração sagrado, ou o monograma de Jesus.

Toda a quinta, assim santificada por signos devotos, **é como** uma sacristia, **com tetos de ramada, o chão relvado**, e o incenso **saindo das flores da madressilva**.

Mas não há aqui nada que lembre os renúncias do mundo. A quinta foi sempre, como agora, de **grande** fartura, toda em campos de pão, bem arada e bem regada, **plana, estirada** ao sol. Os frades excelentes que aqui habitaram, amavam largamente a terra e a vida. Eram fidalgos que **tinham tomado** serviço na milícia do Senhor, como os seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milícia d'El-Rei – e que, como eles, gozavam risonhamente os vagares, os privilégios, a riqueza da sua Ordem. Vinham para **aqui**, pelas calmas de Julho, em seges e com lacaio. A cozinha era mais visitada que a igreja – e todos os dias os capões alouravam no espeto.

Não se procure, pois, nesta morada monástica, a poesia triste de mosteiro – esses horizontes de serra e vales, cheios de mudez e paz, que povoam a alma de saudades do céu; essas espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava, por nelas encontrar melhor que na sua cela a «fecunda solidão»; esses claros de pinheiral, gemente, com rochas nuas, tão próprias para a choça e para a cruz do eremita... Nada disso. Aqui, em torno do pátio (onde a água da fonte todavia corre dos pés da cruz). São sólidas tulhas para o grão, e fundos eidos para o gado. Adiante é a horta viçosa, abarrotada, succulenta, bastante a fartar as panelas todas de uma rica aldeia, mais bem disposta que um jardim, com ruas areadas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito limpa e alisada, fortemente construída para longos séculos de

Toda a Quinta, assim santificada por signos devotos, **lembra** uma sacristia, **onde os tetos fossem de parra, a relva cobrisse os soalhos, por cada fenda borbulhasse um regato**, e o incenso **saísse dos cravos**.

Mas não há aqui nada que lembre os renúncias do mundo. A quinta foi sempre, como agora, de **grossa** fartura, toda em campos de pão, bem arada e bem regada, **fecunda, estendida** ao sol **como um ventre de ninfa antiga**. Os frades excelentes que aqui habitaram, amavam largamente a terra e a vida. Eram fidalgos que **tomavam** serviço na milícia do Senhor, como os seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milícia d'El-Rei – e que, como eles, gozavam risonhamente os vagares, os privilégios e a riqueza da sua Ordem, **da sua Casta**. Vinham para **Refaldes**, pelas calmas de Julho, em seges e com lacaio. A cozinha era mais visitada que a igreja – e todos os dias os capões alouravam no espeto. **Uma poeira discreta velava a livraria, onde apenas por vezes algum cônego reumatisante e retido nas almofadas da sua cela mandava buscar o D. Quijote, ou as Farsas de D. Petronilha. Espanejada, arejada, bem catalogada, com rótulos e notas traçadas pela mão erudita dos abades – só a adega...**

Não se procure, pois, nesta morada monástica, a poesia triste de mosteiro – esses horizontes de serra e vales, cheios de mudez e paz, que povoam a alma de saudades do céu; essas espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava, por nelas encontrar melhor que na sua cela a «fecunda solidão»; esses claros de pinheiral, gemente, com rochas nuas, tão próprias para a choça e para a cruz do eremita... Nada disso. Aqui, em torno do pátio (onde a água da fonte todavia corre dos pés da cruz). São sólidas tulhas para o grão, e fundos eidos para o gado. Adiante é a horta viçosa, abarrotada, succulenta, bastante a fartar as panelas todas de uma rica aldeia, mais bem disposta que um jardim, com ruas areadas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito limpa e alisada, fortemente construída para longos séculos de

colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardais voam dentro como num pedaço de céu. E por fim, ondulando brandamente até às colinas, os campos de trigo e de centeio, os olivais, o vinhedo baixo, o mato florido para os gados... São Francisco de Assis e São Bruno abominariam este retiro monástico e fugiriam dele, escandalizados, como de um pecado vivo.

A casa dentro oferece o mesmo bom conchego temporal. As **salas** espaçosas, de altos tectos apainelados, abrem para as terras semeadas, e recebem delas, através da vidraçaria cheia de sol, a **regalada** sensação de fartura, de opulência rural, de bons terrenos que não enganam.

E a sala melhor, traçada para as ocupações mais gratas, é o refeitório, com as suas varandas rasgadas, onde os **devotos** monges pudessem, ao fim do jantar, conforme a venerável tradição dos Crúzios, beber o seu café aos golos, respirando o sossego e a fresquidão das tardes.

De sorte que não foi necessário alterar esta vivenda, quando ela passou de religiosa a secular. Estava já sabiamente preparada para a profanidade; – e a vida que então aqui se começou a viver, não foi diferente da do velho convento, apenas mais bela, porque livre, das contradições do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia ficou perfeita. E, tal como é, desliza com incomparável doçura. De madrugada os galos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a moça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao ombro, a fila dos jornaleiros mete-se às terras – e o trabalho principia, esse trabalho que no campo, em Portugal, parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansável, porque é todo feito a cantar. As vozes vêm, altas e desgarradas, no **grande** silêncio, d'além dentre os trigos, o do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho cru, e os lenços de longas franjas vermelhejam mais que papoulas. E não há neste labor, nem

colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardais voam dentro como num pedaço de céu. E por fim, ondulando brandamente até às colinas, os campos de trigo e de centeio, os olivais, o vinhedo baixo, o mato florido para os gados... São Francisco de Assis e São Bruno abominariam este retiro monástico e fugiriam dele, escandalizados, como de um pecado vivo.

A casa dentro oferece o mesmo bom conchego temporal. As **celas** espaçosas, de altos tectos apainelados, abrem para as terras semeadas, e recebem delas, através da vidraçaria cheia de sol, a **perene** sensação de fartura, de opulência rural, de bons terrenos que não enganam.

E a sala melhor, traçada para as ocupações mais gratas, é o refeitório, com as suas varandas rasgadas, onde os **regalados** monges pudessem, ao fim do jantar, conforme a venerável tradição dos Crúzios, beber o seu café aos golos, respirando o sossego e a fresquidão das tardes.

De sorte que não foi necessário alterar esta vivenda, quando ela passou de religiosa a secular. Estava já sabiamente preparada para a profanidade; – e a vida que então aqui se começou a viver, não foi diferente da do velho convento, apenas mais bela, porque livre, das contradições do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia ficou perfeita. E, tal como é, desliza com incomparável doçura. De madrugada os galos cantam, a quinta acorda, os cães de **fila** são acorrentados, a moça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao ombro, a fila dos jornaleiros mete-se às terras – e o trabalho principia, esse trabalho que no campo, em Portugal, parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansável, porque é todo feito a cantar. As vozes vêm, altas e desgarradas, no **fino** silêncio, de além dentre os trigos, o do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho cru, e os lenços de longas franjas vermelhejam mais que papoulas. E não há neste labor, nem dureza, nem arranque. Todo ele é

dureza, nem arranque. Todo ele é feito com a lentidão com que o pão amadurece ao sol. O arado mais acaricia do que rasga a gleba. O centeio cai por si, molemente, no braço recurvo da foice. Ceres é aqui verdadeiramente, como no Lácio, a deusa da terra; e os que a amanhã, têm essa serenidade no esforço, que era das feições mais nobres da vida pagã.

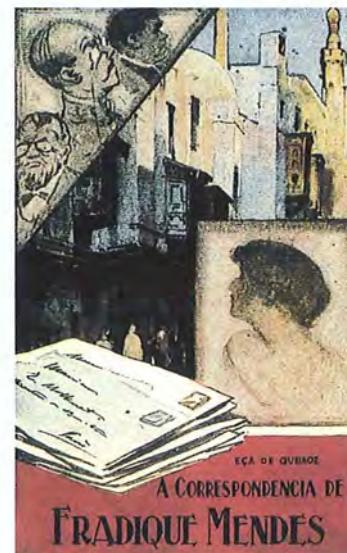
À uma hora é o jantar, pingue e gostoso. A quinta tudo fornece largamente: – e o vinho, o azeite, a hortaliça, a fruta, as aves, tudo tem um sabor mais vivo e são assim, caídos directamente das mãos do Bom Deus sobre a mesa, sem passar pela mercancia e pela loja. Em palácio algum, por essa Europa superfina, se come na verdade tão deliciosamente como nestas rústicas quintas de Portugal. Na cozinha enfumarada, com duas panelas de barro, e quatro achas a arder no chão, estas caseiras de aldeia, de mangas arregaçadas, guisam um banquete que faria exultar o velho Júpiter, esse finíssimo guloso, educado a néctar, o deus que mais comeu, e mais profundamente soube comer, desde que há deuses no céu e na terra. Quem nunca provou este arroz de caçoula, este anho verdadeiramente pascal assado no forno, estas cabidelas de frango que vão direitas à alma, não pode realmente conhecer o que seja a bem-aventurança, tão grosseira e tão divina, que no tempo dos frades se chamava a «comezaina». E a quinta depois, com as suas latadas cheias de sombra leve, a fria sussurração das suas águas, a embaladora ondulação dos trigais e a viveza dos campos pintalgados de pampilho e botão de ouro oferece, mais que nenhum outro paraíso, o meio perfeito para quem sabe, pesado e risonho, deste arroz e deste anho!

Se estes meios-dias são um pouco materiais, breve a tarde trará a porção de poesia de que necessita a alma. De todo o céu onde se apagou a refulgência d'ouro, esse esplendor arrogante que se não

feito com a mansidão com que o pão amadurece ao sol. O arado mais acaricia do que rasga a gleba. O centeio cai por si, amorosamente, no seio atraente da foice. A água sabe onde o torrão tem sede, e corre para lá galhando e refulgindo. Ceres nestes sítios benditos permanece verdadeiramente, como no Lácio, a deusa da terra que tudo propicia e socorre. Ela reforça o braço do lavrador, torna refrescante o seu suor, e da alma lhe limpa todo o cuidado escuro. Por isso os que a servem, mantêm uma serenidade risonha na tarefa mais dura. Essa era a ditosa feição da vida antiga.

À uma hora é o jantar, pingue e gostoso. A quinta tudo fornece largamente: – e o vinho, o azeite, a hortaliça, a fruta, as aves, tudo tem um sabor mais vivo e são assim, caídos directamente das mãos do Bom Deus sobre a mesa, sem passar pela mercancia e pela loja. Em palácio algum, por essa Europa superfina, se come na verdade tão deliciosamente como nestas rústicas quintas de Portugal. Na cozinha enfumarada, com duas panelas de barro, e quatro achas a arder no chão, estas caseiras de aldeia, de mangas arregaçadas, guisam um banquete que faria exultar o velho Júpiter, esse transcendente guloso, educado a néctar, o deus que mais comeu, e mais profundamente soube comer, desde que há deuses no céu e na terra. Quem nunca provou este arroz de caçoula, este anho pascal assado no forno, estas cabidelas de frango coevas da Monarquia que enchem a alma, não pode realmente conhecer o que seja a bem-aventurança, tão grosseira e tão divina, que no tempo dos frades se chamava a «comezaina». E a quinta depois, com as suas latadas de sombra macia, a dormente sussurração das águas regantes, os ouros claros e foscos ondulado nos trigais, oferece, mais que nenhum outro paraíso humano ou bíblico, o repouso acertado para quem emerge, pesado e risonho, deste arroz e deste anho!

Se estes meios-dias são um pouco materiais, breve a tarde trará a porção de poesia de que necessita o Espírito. De todo o céu onde se apagou a refulgência d'ouro, esse esplendor arrogante que se não deixa fitar e quase



deixa fitar e quase repele, agora apaziguado e tractável, desce uma doçura, uma pacificação que penetra n'alma, a torna como ele pacífica e doce, e cria esse momento raro e adorável em que céu e alma fraternizam. Os arvoredos repousam, numa imobilidade de contemplação, que parece inteligente. No piar velado e curto dos pássaros há **já uma sonolência** de ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos, cansada e farta, e vai ainda beber ao tanque, onde o cotejar da água é mais preguiçoso. Toca o sino as Ave-Marias. Em todos os casais se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e terno, que, em qualquer banco de pedra em que **te sentes, ficarás** enlevado, sentindo penetrante bondade das cousas, e tão em harmonia com ela, que não **haverá na tua** alma pensamento que não pudesses contar a um santo...

Verdadeiramente estas tardes santificam. O mundo recua para muito longe, para além dos pinhais e das colinas, como uma miséria esquecida: – e estamos aqui realmente na felicidade de um convento, sem regras e sem abade; feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão própria a essa oração que não tem palavras, e que é por isso a mais bem compreendida por Deus.

Depois escurece, já há pirilampos nas sebes. Vênus pequenina cintila no alto. A sala, em cima, está cheia de livros, de livros **que faltavam** no tempo dos Crúzios – porque só desde que não pertence a uma ordem espiritual, é que esta casa está espiritualizada. E o dia na quinta finda com uma quieta palestra sobre ideias e letras, enquanto na guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saudades [e em ais] a lua além, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surge, como a escutar, por detrás dos negros montes.

repele, agora apaziguado e tractável, desce uma doçura, uma pacificação que penetra n'alma, a toma como ele pacífica e doce, e cria esse momento raro e adorável em que céu e alma fraternizam. Os arvoredos repousam, numa imobilidade de contemplação, que parece inteligente. No piar velado e curto dos pássaros há **um recolhimento e consciência** de ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos, cansada e farta, e vai ainda beber ao tanque, onde o cotejar da água é mais preguiçoso. Toca o sino as Ave-Marias. Em todos os casais se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e temo, **minha madrinha**, que, em qualquer banco de pedra em que **me sente, fico** enlevado, sentindo a penetrante bondade das cousas, e tão em harmonia com ela, que não **há nesta** alma, **toda encrostada das lamas do mundo**, pensamento que não pudesse contar a um santo...

Verdadeiramente estas tardes santificam. O mundo recua para muito longe, para além dos pinhais e das colinas, como uma miséria esquecida: – e estamos aqui realmente na felicidade de um convento, sem regras e sem abade; feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão própria a essa oração que não tem palavras, e que é por isso a mais bem compreendida por Deus.

Depois escurece, já há pirilampos nas sebes. Vênus pequenina cintila no alto. A sala, em cima, está cheia de livros, dos livros **fechados** no tempo dos Crúzios – porque só desde que não pertence a uma ordem espiritual, é que esta casa está espiritualizada. E o dia na quinta finda com uma quieta palestra sobre ideias e letras, enquanto na guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saudades [e em ais] a lua além, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surge, como a escutar, por detrás dos negros montes.

Deus nobis haec otia fecit in umbra Lusitaniae pulcherrimae... Mau latim – grata verdade.

Seu grato e mau afilhado – FRADIQUE